



INFORMATIVO

O TUIUTI



*ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)*

520 anos das Capitânicas Hereditárias. 510 anos da descoberta do Rio da Prata por navegantes portugueses. 490 anos da fundação da Companhia de Jesus. 470 anos do Colégio de São Paulo. 460 anos do desembarque de Estácio de Sá em Salvador. 410 anos da vitória de Jerônimo de Albuquerque na Batalha de Guaxenduba, MA. 400 anos da invasão holandesa, tomada de Salvador e início da Guerra do Açúcar. 370 anos da Batalha da Campina do Taborda e do Tratado do Taborda. 340 anos da revolta de Manuel Beckmann no MA. 310 anos do fim da Guerra dos Mascates em PE. 270 anos do início da Guerra Guaranítica. 250 anos da vitória do Major Rafael Pinto Bandeira no Combate de Santa Bárbara, RS. 200 anos da primeira Constituição do Brasil. 170 anos da 1ª ferrovia brasileira pelo Barão de Mauá. 160 anos do início da Guerra do Paraguai e morte de Antônio João. 150 anos do Combate do Ferrabraz, RS, na Guerra dos Muckers. 120 anos da Revolta da Vacina e da Escola da Praia Vermelha. 110 anos do início da I GM. 100 anos da Revolução Paulista. 80 anos do desembarque aliado na Normandia (06 Jun), da partida do 1º Escalão da FEB para a Itália e da inauguração da Academia Militar das Agulhas Negras. 60 anos da Marcha da Família com Deus pela Liberdade, SP, da rebelião militar que deu origem à Contra-Revolução Democrática de 31 de março e da eleição do Gen Humberto de Alencar Castello Branco para a Presidência da República. 30 anos da conquista do tetracampeonato de futebol na Copa do Mundo dos EUA pelo Brasil.

ANO 2024

Janeiro

Nº 444

OS CONSTRUTORES DE MONUMENTOS

Ayn Rand

Nota do Editor: Texto do Capítulo 11 do livro *A VIRTUDE DO EGOÍSMO*, de autoria da escritora, dramaturga, roteirista e filósofa norte-americana de origem judaico-russa Ayn Rand (São Petersburgo, 1905 - Nova York, 1982).



O que uma vez foi um suposto ideal, agora, é um esqueleto esfarrapado sacudindo como um espantalho ao vento sobre o mundo; mas os homens não têm a coragem de olhar para cima e descobrir a caveira sorridente sob os trapos ensanguentados. Esse esqueleto é o socialismo.

Cinquenta anos atrás, pode ter havido alguma desculpa (embora não justificativa) para a crença generalizada de que o socialismo é uma teoria política motivada pela benevolência e que aspira à conquista do bem-estar humano. Hoje, essa crença não pode ser mais considerada como um erro inocente. O socialismo foi tentado em todos os continentes do globo. À luz de seus resultados, é hora de questionar os motivos dos defensores do socialismo.

A característica essencial do socialismo é a negação dos direitos de propriedade do indivíduo; sob o socialismo, o direito à propriedade (que é o direito de uso e controle) é outorgado à "sociedade como um todo", isto é, ao coletivo; com produção e distribuição controladas pelo Estado, ou seja, pelo governo (grifo meu).

O socialismo pode ser implantado pela força, como na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas - ou pelo voto, como na Alemanha (nacional-socialista) nazista. O grau de socialização pode ser total, como na Rússia - ou parcial, como na Inglaterra. Teoricamente, as diferenças são superficiais; na prática, são apenas uma questão de tempo. O princípio básico, em todos os casos, é o mesmo.

Os supostos objetivos do socialismo eram: a abolição da pobreza, a conquista da prosperidade geral, do progresso, da paz e da fraternidade humana. Os resultados têm sido um fracasso aterrorizante - quer dizer, aterrorizante se o motivo é o bem-estar dos homens.

Ao invés de prosperidade, o socialismo trouxe paralisia e/ou colapso econômico a cada país que o experimentou. O grau de socialização tem sido o grau do desastre. As consequências variaram de acordo.

A Inglaterra, que já foi a nação mais livre e orgulhosa da Europa, foi reduzida ao status de potência de segunda classe e está perecendo lentamente de hemofilia, perdendo o melhor de seu sangue econômico: a classe média e as profissões. Os homens capazes, competentes, produtivos e independentes estão partindo aos milhares, migrando para o Canadá ou Estados Unidos, em busca de liberdade. Estão fugindo do reino da mediocridade, do cortiço asqueroso de onde, tendo vendido seus direitos em troca de dentaduras grátis, os reclusos, agora, queixam-se de que preferiram ser vermelhos do que mortos.

Em países mais plenamente socializados, a fome foi o começo, a insígnia que anunciava o regime socialista - como na Rússia soviética, como na China vermelha, como em Cuba. Nesses países, o socialismo reduziu o povo à pobreza indizível dos tempos pré-industriais, à inanição literal, mantendo-o em um nível estagnado de miséria.

Não, não é "apenas temporário", como os apologistas do socialismo têm dito por meio século. Após 45 anos de planejamento governamental, a Rússia, ainda, é incapaz de resolver o problema de alimentar sua população.

No que tange à produtividade superior e à velocidade de progresso econômico, a pergunta de todas as comparações entre o capitalismo e o socialismo foi respondida de uma vez por todas para qualquer pessoa honesta - pela diferença atual entre Berlim Ocidental e Oriental.

Em vez de paz, o socialismo introduziu um novo tipo de loucura perversa nas relações internacionais - a "guerra fria", que é um estado de guerra crônica com períodos não declarados de paz entre invasões injustificadamente repentinas e ar-

bitrárias - com a Rússia tomando um terço do globo, com as tribos e nações socialistas esganando umas às outras, com a Índia socialista invadindo Goa, e a China comunista invadindo a Índia socialista.

Um sinal eloquente da corrupção moral de nossa época é a complacência insensível com que a maioria dos socialistas e seus simpatizantes, os progressistas, encaram as atrocidades perpetradas nos países socialistas e aceitam o governo pelo terror como uma forma de vida - enquanto posam como defensores da "fraternidade humana". Na década de 1930, protestaram contra as atrocidades da Alemanha nazista. Mas, aparentemente, não foi uma questão de princípios, mas, apenas, o protesto de uma gangue rival lutando pelo mesmo território - porque não ouvimos mais suas vozes.

Em nome da "humanidade", toleram e aceitam o seguinte: a abolição de toda liberdade e todos os direitos, a expropriação de toda a propriedade, as execuções sem julgamento, as câmaras de tortura, os campos de trabalho forçado, a chacina em massa de incontáveis milhões na Rússia soviética e o horror sangrento da Berlim Oriental, incluindo os corpos crivados de balas de crianças que tentavam escapar.

Quando se observa o pesadelo dos esforços desesperados feitos por centenas de milhares de pessoas lutando para fugir dos países socialistas da Europa, para fugir das cercas de arame farpado, sob o fogo de metralhadoras, já não se pode acreditar que o socialismo, em qualquer de suas formas, seja motivado pela benevolência e pelo desejo de alcançar o bem-estar dos homens.

Nenhum homem autenticamente benevolente poderia negar ou ignorar tamanho horror em tão vasta escala.

O socialismo não é um movimento do povo. É um movimento de intelectuais, originado, liderado e controlado por intelectuais, levado por eles para fora de suas sufocantes torres de marfim e aplicado nos campos sangrentos da prática, onde se unem a seus aliados e executores: os facínoras (idem).

Então, qual é a motivação desses intelectuais? A ânsia de poder - como manifestação de impotência, de aversão a si mesmo e de desejo pelo imerecido.

O desejo pelo imerecido tem dois aspectos: o imerecido em matéria e o imerecido em espírito (por "espírito", quero dizer: a consciência do homem). Esses dois

aspectos são necessariamente inter-relacionados, mas o desejo de um homem pode estar focado, predominantemente, em um ou em outro. O desejo pelo imerecido em espírito é o mais destrutivo e o mais corrupto dos dois. É o desejo pela grandeza imerecida, expresso (mas não definido) pela escuridão nebulosa do termo "prestígio".

Os caçadores de benefícios materiais imerecidos são simplesmente parasitas financeiros, vagabundos, saqueadores ou criminosos, em número e em inteligência para serem uma ameaça à civilização, até e a menos que sejam libertados e legalizados pelos caçadores de grandeza imerecida (idem).

A grandeza imerecida é um conceito tão irreal e tão neurótico que o bandido que a busca não pode identificá-la nem mesmo para si: identificá-la é torná-la impossível. Ele precisa dos slogans irracionais e indefiníveis do altruísmo e do coletivismo para dar uma forma semiplausível ao seu impulso inominável e ancorá-lo na realidade - para sustentar sua própria autodecepção, mais do que enganar suas vítimas. "O público", "o interesse público", "o serviço ao público" são os meios, as ferramentas, os pêndulos que oscilam na autohipnose dos que buscam poder.

Dado que não existe essa suposta entidade "o público" e dado que o público é, meramente, um conjunto de indivíduos, qualquer conflito, alegado ou implícito, entre "interesse público" e interesses privados, significa que os interesses de alguns homens serão sacrificados pelos interesses e desejos de outros. Já que o conceito é tão convenientemente indefinível, seu uso repousa, apenas, em qualquer habilidade de uma gangue qualquer proclamar que "o público, sou eu" - e sustentar a reivindicação à ponta de uma arma.

Nenhuma afirmação como essa já foi ou jamais pôde ser mantida sem ajuda de uma arma, ou seja, sem força física. Mas, por outro lado, sem essa afirmação, os pistoleiros permaneceriam no lugar a que pertencem: no submundo, e não chegariam aos conselhos de Estado para dirigir os destinos das nações.

Há duas formas de alegar que "o público, sou eu": uma é praticada pelo parasita material bruto que solicita auxílio governamental em nome de uma necessidade "pública" e embolsa o que não mereceu; a outra é praticada por seu líder, o espiritual, que tira sua ilusão de "grandeza" - como um receptor que recebe

bens roubados - do poder para dispor do que não mereceu e da visão mística de si mesmo como porta-voz "do público" (idem).

Dos dois, o parasita material é psicologicamente mais saudável e mais próximo da realidade: pelo menos, come ou veste o que roubou. Porém, a única fonte de satisfação aberta ao parasita espiritual, seu único meio para obter "prestígio" (além de dar ordens e espalhar terror) é a atividade mais perdulária, inútil e sem sentido de todas: a construção de monumentos públicos.

A grandeza é alcançada pelo esforço produtivo da mente de um homem na busca de objetivos racionais claramente definidos. Mas uma ilusão de grandeza pode ser realizada, apenas, pela quimera indefinível e mutável de um monumento público - apresentado como um magnífico presente às vítimas cujo trabalho forçado ou dinheiro extorquido pagaram por ele - dedicado ao serviço de todos e de ninguém, pertencente a todos e a ninguém, admirado por todos e usufruído por ninguém.

Essa é a única forma que o governante tem de aplacar sua obsessão: "prestígio". Prestígio aos olhos de quem? De qualquer um. Aos olhos de suas vítimas torturadas, dos mendigos nas ruas de seu reino, dos adutores de sua corte, das tribos estrangeiras e seus governantes além das fronteiras. Foi para impressionar todos esses olhos - os olhos de todos e de ninguém - que o sangue de gerações de súditos foi derramado e gasto.

Pode-se ver, em certos filmes bíblicos, uma imagem explícita do significado da construção de monumentos públicos: a das pirâmides. Hordas de homens famintos, esfarrapados e emaciados forçando até a última fibra de seus músculos inadequados à tarefa desumana de puxar as cordas que arrastam grandes pedaços de pedras, esforçando-se como bestas de carga torturadas sob as chicotadas de capatazes, desfalecendo no trabalho e morrendo nas areias do deserto para que um faraó morto pudesse repousar em uma estrutura imponente sem sentido e, assim, alcançar o "prestígio" eterno aos olhos das gerações futuras.

Templos e palácios são os únicos monumentos deixados pelas primeiras civilizações da humanidade. Foram criados pelos mesmos meios e ao mesmo preço -

um preço não justificado pelo fato de que povos primitivos sem dúvida acreditavam, enquanto morriam de fome e exaustão, que o de sua tribo, de seus governantes ou de seus deuses, de alguma forma, tinha algum valor para eles.

Roma caiu, falida por tributos e controles do Estado, enquanto seus imperadores construía coliseus. Luís XIV (1638-1715) da França tributou seu povo até o estado de indigência, enquanto construía o Palácio de Versailles para que monarcas contemporâneos o invejassem e para os turistas modernos visitarem. O metrô revestido de mármore em Moscou, construído pelo trabalho "voluntário" e não remunerado de trabalhadores russos, incluindo mulheres, é um monumento público, assim como é o luxo característico dos czares e suas recepções regadas a champagne e caviar nas embaixadas soviéticas, o que é necessário - enquanto o povo fica na fila por rações insuficientes de comida - para "manter o prestígio da União Soviética".

A grande distinção dos Estados Unidos da América, até as últimas décadas, foi a modéstia de seus monumentos públicos. Os monumentos que existiam eram genuínos: não foram erigidos por "prestígio", mas eram estruturas funcionais que receberam eventos de grande importância histórica. Se você já viu a simplicidade austera do Independence Hall, percebeu a diferença uma grandeza autêntica e as pirâmides do "espírito público" dos caçadores de prestígio.

Nos Estados Unidos, o esforço humano e recursos materiais não foram expropriados para monumentos e projetos públicos, mas gastos para o progresso do bem-estar privado, pessoal e individual de cada cidadão. **A grandeza dos Estados Unidos está no fato de que seus verdadeiros monumentos não são públicos (idem).**

O horizonte de Nova York é um monumento de um esplendor que nenhuma pirâmide ou palácio jamais igualará ou alcançará. No entanto, os arranha-céus não foram construídos com fundos públicos, nem com um propósito público: foram pela energia, iniciativa e riqueza de indivíduos privados para lucro pessoal. E, em vez de empobrecer o povo, esses arranha-céus, conforme ficavam cada vez mais altos, o padrão de vida das pessoas - incluindo os habitantes das favelas, que levam uma vida de luxo, se comparada à vida de um antigo escravo egípcio ou de um trabalhador socialista soviético moderno.

Essa é a diferença - em teoria e prática - entre o capitalismo e o socialismo. É impossível calcular o sofrimento, a degradação, a privação e o horror humanos que "custearam" um único arranha-céu badalado de Moscou, ou as fábricas, ou as minas, ou as barragens soviéticas, ou qualquer parte de sua "industrialização" financiada a sangue e saques. O que sabemos, de fato, é que 45 anos é muito tempo: é a duração de duas gerações; sabemos que, em nome de uma abundância prometida, duas gerações de seres humanos viveram e morreram em pobreza sub-humana; e, também, sabemos que os defensores atuais do socialismo não são desencorajados por um fato desse tipo.

Seja qual for o motivo que possam declarar, a benevolência é algo que há muito tempo perderam o direito de reivindicar.

A ideologia da socialização (em uma forma neofascista), hoje, flutua, por omissão, do vácuo de nossa atmosfera cultural e intelectual. Observe com que frequência nos pedem "sacrifícios" indefinidos para propósitos não especificados. Observe com que frequência a administração atual invoca o "interesse público". Observe que relevância a questão do prestígio internacional repentinamente adquiriu, e que políticas grotescamente suicidas são justificadas em referência a questões de "prestígio". Observe que, durante a recente crise cubana, quando a questão factual dizia respeito a mísseis nucleares e guerras nucleares, nossos diplomatas e comentaristas consideraram adequado pesar seriamente coisas como o "prestígio", os sentimentos pessoais e a "proteção da imagem" dos diversos governantes socialistas envolvidos.

Não há diferença entre os princípios, as políticas e os resultados práticos do socialismo e o das tiranias históricas e pré-históricas. O socialismo é, meramente, uma monarquia absolutista democrática, isto é, um sistema de absolutismo sem um chefe fixo, aberto à tomada de poder por todos que se aproximam, por qualquer alpinista, oportunista, aventureiro, demagogo ou facínora sem escrúpulos.

Quando você julgar o socialismo, não se engane sobre a sua natureza. Lembre-se de que não existe essa dicotomia entre "direitos humanos" versus "direitos de propriedade". Não existem direitos humanos sem direitos de propriedade. Considerando que os bens materiais são produzidos pela mente e esforço de cada homem individualmente, e são necessários para sustentar suas vidas, se o produtor não é dono do resultado de seu esforço, ele não é dono de sua vida. Negar os direitos de

propriedade significa transformar homens em propriedades possuídas pelo Estado. Quem reivindica o "direito" a "redistribuir" a riqueza produzida por outros está reivindicando o "direito" de tratar os seres humanos como um bem móvel (idem).

Quando você considerar a devastação global perpetrada pelo socialismo, o mar de sangue e os milhões de vítimas, lembre-se de que elas foram sacrificadas não pelo "bem da humanidade", nem por um "ideal nobre", mas pela vaidade purulenta de algum brutamontes assustado ou algum medíocre pretensioso que ansiava por um manto de "grandeza" imerecida - e que o monumento ao socialismo é uma pirâmide de fábricas públicas, teatros públicos e parques públicos, erigidos sobre a fundação de cadáveres humanos, com a figura de um governante posando no alto, batendo no peito e gritando seu apelo por "prestígio" ao vazio sem estrelas acima dele. Dezembro de 1962.

COMUNISTA, GRAÇAS A DEUS

Maynard Marques de Santa Rosa

"Sou comunista, graças a Deus. Sigo o que Lênin recomenda"

Foi o que declarou, expressamente, o ministro recém-aprovado pelo Senado para integrar a suprema corte.

Mas, quem foi Lênin?

O menchevique Alexander Potresov, em 1927, resumiu em uma frase: "Foi um gênio do mal". E o historiador Dmitri Volkogonov, debruçado nos arquivos secretos, após o colapso da União soviética, assim respondeu: "Foi homem de uma só dimensão. Parece ter amado uma única coisa: o poder". Lênin voltou à Rússia em abril de 1917, "plantado" pelo inimigo alemão para destruir o seu país.

"A liderança bolchevique foi comprada pelos alemães. Foram mais de 50 milhões de marcos-ouro. O resultado disso foi o Tratado de Brest-Litovsk" (pág. 21 e 22).

Naturalmente, foi poupado do estigma de traidor pela narrativa histórica. A ideia de implantar o terror como método de governança também foi sua. Para isso, criou a malfadada Cheka e instituiu os seksots, uma comunidade de colaboradores oficiosos que chegaria a 11 milhões, no ano da morte de Stalin. O Politburo e o Comitê Central, criaturas institucionais da sua lavra, "assumiram uma nova forma de absolutismo ideológico e político, que controlava cada aspecto da atividade pública e estatal" (pág.

64). Revolucionário messiânico, a propaganda o transformou no profeta predestinado, e o leninismo, na religião estatal dos ateus. “Os mitos sobre ele foram fabricados, e sua canonização virou política estatal”.

Na contabilidade macabra apurada pelo autor de “Os Sete Chefes do Império Soviético”, cerca de um terço da população cossaca foi exterminado por ordem de Lênin, e os leninistas foram responsáveis pela perda de 13 milhões de vidas na guerra civil (pág. 67). Portanto, uma personalidade genocida.

No seu final, Lênin teve um desfecho pessoal compatível com a sua obra. Após quatro derrames, faleceu aos 53 anos de idade, em 1924, mas não sem ter amargado, em vida e impotente, à usurpação do seu poder. Stalin chegou a redigir uma nota ao Politburo, dizendo que ele implorava por uma dose letal de cianeto de potássio. “A esposa, Krupskaya, insistiu para que o desejo de Ilyich não fosse recusado. Ela própria tentou administrar, pessoalmente, a dose ao marido, mas perdeu a coragem” (pág. 60).

Volkogonov concluiu:

“Não foram seus escritos, mas sua capacidade de converter o conceito de Marx da luta de classes numa ferramenta para a conquista do poder – seu objetivo principal –, que fez de Lênin um gigante da história” (pág. 74).

A sessão que aprovou a indicação de Flávio Dino representou uma encenação parlamentar de resultado combinado, o que evoca a necessidade de revitalização e ampliação da Operação Lava-Jato como programa nacional de combate à corrupção.

Como os métodos leninistas de ação direta não são mais aplicáveis, é provável que o novo ministro venha a reforçar a ala gramscista da Corte, em seu propósito “iluminista”, nos termos anunciados pelo próprio presidente do STF.

O ato jurídico que liberou o condenado pelo mais notório processo de corrupção da história do país, aproveitando o clima paralisante da pandemia e o sofisma de um argumento acessório, foi uma ousadia de índole leninista, uma afronta direta à ordem tradicional e à opinião pública.

Após a aprovação de Dino, o presidente declarou, eufórico: “Vocês não sabem como estou feliz, hoje. Pela primeira vez, na história deste país, nós conseguimos colocar na Suprema Corte um ministro comunista”.

Palavras partidas dele “são apenas palavras, nada mais que palavras”, na mais pura acepção de Shakespeare. No entanto, desde que se formou o vácuo da omissão militar, após os infaustos de 8 de janeiro, passou a tomar corpo uma sanha reformadora de iniciativa dos partidos radicais, do governo

Historicamente sabemos que essas situações não acabam bem, com a revolta do povo de bem que assume e expulsa os tiranos!

João Pessoa, 03 de janeiro de 2024.

AA

Relações entre o Poder Civil e as Forças Armadas - Gen Ex Pinto Silva - Guerra Híbrida - Pensamento - DefesaNet (1)

“Ao longo das últimas duas décadas, os cientistas descobriram que a liderança civil das Forças Armadas é cada vez mais condicional. Em diversos estudos, incluindo um da empresa RAND, os militares acreditam cada vez mais que a submissão ao controle civil depende da capacidade de liderança competente dos civis”. [2]

1. GENERALIDADES

O assunto vem sendo visto e discutido num contexto específico da atual conjuntura (Satanização das Forças Armadas) em vez do estratégico.

Cenário:

- Enfraquecimento das FA, com a tentativa de desmoralização, desarticulação e perda de base social, política, legal e da opinião pública;
- Esvaziamento das FA, através da tentativa do seu isolamento da sociedade, pela perda de prestígio social, pela perda de funções orgânicas, e por buscar o comprometimento ético e a quebra de coesão interna;
- Constrangimento e inibição das FA por meio do patrulhamento e do revanchismo.

“O controle civil é mais um processo do que um fato, cultivado ao longo de sucessivas gerações de elites militares e civis, reconhecendo que a defesa nacional eficaz requer harmonia social, política e militar” (Interação)[3].

- Duas grandes omissões do Poder político, que dificulta o controle das Forças Armadas, são:
- ver as Forças Armadas como um instrumento de governo e não como um instrumento do Estado; e
 - não saber como usar os meios militares para atingir objetivos da política nacional.

2. SEGUNDO CLAUSEWITZ

A cerrada inter-relação de assuntos políticos e militares sugere uma conclusão, especificamente, a guerra travada por uma “Tríade Extraordinária” composta de governo, forças armadas, e povo.

O governo estabelece o objetivo político, o militar propicia os meios para se alcançar tal objetivo e o povo proporciona vontade, o motor da guerra. Todos os três componentes são indispensáveis.

Uma teoria que ignore qualquer um desses três elementos, o que procure fixar um relacionamento arbitrário entre eles entraria de tal maneira em conflito com a realidade que só por esse motivo ela se tornaria inteiramente inútil.

Somente por meio de uma completa compreensão da política nacional pode levar a guerra, na totalidade, ou qualquer de suas campanhas, a um final bem-sucedido. A este nível, estratégia e política se confundem: o comandante em chefe é simultaneamente um estadista.

Devido ao impacto da política na estratégia, os líderes políticos precisam combinar a habilidade política com a estratégia, da mesma forma que os líderes militares precisam possuir uma compreensão da política nacional.

A história está repleta de exemplos de como políticos tomaram erroneamente decisões militares, principalmente porque careciam de um conhecimento sólido dos meios militares à sua disposição.

Do mesmo modo que um homem que não domina completamente o idioma estrangeiro pode, às vezes, deixar de se expressar corretamente, os estadistas, algumas vezes, emitem ordens que entram em choque com o objetivo a que deviam servir. Repetidas vezes isso já aconteceu, o que demonstra que um certo domínio dos assuntos militares é vital para que os que são responsáveis pela política geral.

Se por um lado, o livro “Da Guerra”, basicamente, orienta no sentido da primazia da política, por outro, Clausewitz afirma que os líderes militares não devem estar sujeitos aos caprichos de algumas políticas governamentais.

Por isso, embora o estadista necessite manter sua autoridade sobre o general e o almirante, estes, segundo Clausewitz, devem estar em posição de influenciar aquele.

Para ser mais, exato o comandante também necessita da audácia, e quanto mais alto for o escalão de comando, tanto maior a necessidade de a coragem ser apoiada em uma mente reflexiva, para que não se degenere em irrupções emocionais cegas e sem objetivo.

São alguns dos atributos que, segundo Clausewitz, elaboram o “gênio militar”, que se constitui, de uma mente indagativa ao invés de criativa, uma visão abrangente e não específica, a calma ao invés da ebulição mental, que escolheríamos para, na guerra, confiar o destino de nossos irmãos, filhos e a segurança e a honra do nosso país.

3. TRÍADE EXTRAORDINÁRIA ATUAL

Os Poderes Constituídos (Executivo, Judiciário e Legislativo), a Sociedade e as Instituições de Estado (Ex: Forças Armadas), “tríade extraordinária atual”, deveriam ser encaradas como um instrumento racional de política nacional.

As três palavras “racional”, “instrumento” e “nacional” são conceitos-chave para um novo paradigma. As ideias de para participar da luta política em defesa da democracia devem ser “racionais”, baseada numa avaliação de custos e benefício para o Estado e a sociedade. A seguir ser “instrumental”, isto é, deveria ser empreendida para alcançar-se um objetivo, e nunca por si própria. Por último, “nacional” (se) seu objetivo fosse a satisfação dos interesses do Estado, para justificar que todo o esforço de uma nação seja mobilizado a serviço do objetivo a ser atingido.

Somente por meio de uma completa compreensão da política nacional, pode-se levar o Estado, o qualquer das partes da “tríade extraordinária atual”, a totalidade, ou alguma de suas atividades, a um final bem-sucedido.

Isto demanda, pensamento flexível, especialmente na chegada de conclusões lógicas. A vida em si, proporciona fricção. Ela não precisa ser iniciada por complexas séries de raciocínio e linguagem inteligível e sutil somente para o especialista no assunto.

5. UMA OPINIÃO

Não realizar mudanças nas Forças Armadas no cenário específico da atual conjuntura, (e sim) procurar uma visão estratégica.

Desenvolver uma teoria (Esclarecer conceitos e ideias) que mantenha o equilíbrio institucional na “Tríade Extraordinária Atual”.

Buscar o apoio público, que deve ser parte essencial do Planejamento Estratégico, e dar ao Congresso responsabilidade funcional de legitimar tal apoio.

Entender o papel do Ministério da Defesa e dos comandos militares, ou seja, suas esferas de atribuição, suas competências e os limites de suas ações, se apresenta como fundamental.

Os líderes militares precisam possuir uma compreensão da política nacional, desenvolvida durante toda sua carreira, desde as escolas de formação, tendo em vista ser sua missão a conquista de objetivos formulados pelo Poder Político, e para poder aquilatar os efeitos políticos colaterais das ações militares.

ASSUNTO CORRELATO

- Controle civil das Forças Armadas: Uma “ficção útil”? (army.mil)
- Quem é o chefe?: Definindo a relação civil-militar no século XXI (army.mil)

